

ALIENAÇÃO E HUMANIZAÇÃO NO TRABALHO CONTEMPORÂNEO

Alienation and humanization in contemporary work

Ericlen Rodrigues¹

Resumo: O trabalho é uma atividade que esteve presente desde o início na sociedade, uma vez que ele é o meio pelo qual o ser humano modifica a natureza de modo a sanar seus desejos e necessidades e, conseqüentemente, viver melhor. Estruturado de diferentes formas de acordo com a época, a cultura e as necessidades de cada sociedade, sempre influenciaram intensamente a percepção e as ações do ser humano. Este trabalho tem por objetivo explicar e analisar, mesmo que brevemente, as percepções que se tem sobre o trabalho, o qual pode ser visto sob a ótica que o compreende como um instrumento que fomenta a alienação do ser humano e, por outro lado, como um meio que promove a realização e a humanização deste. A metodologia utilizada na elaboração deste estudo foi o ensaio teórico, através do método de pesquisa qualitativa, ou seja, consistiu numa exposição lógica e reflexiva do tema abordado, buscando o desenvolvimento de conceitos, ideias e percepções do autor a partir do conteúdo dos materiais utilizados. Espera-se que, como resultado, o presente estudo contribua na construção de uma perspectiva mais holística e crítica do leitor acerca do trabalho na contemporaneidade, incentivando a reflexão do tema.

Palavras-chave: Trabalho. Alienação. Humanização.

Abstract: Work is an activity that was present from the beginning in society, since it is the means by which the human being modifies nature in order to heal their desires and needs and, consequently, to live better. Structured in different ways according to the time, culture and needs of each society, it has always strongly influenced the perception and actions of the human being. This paper aims to explain and analyze, even briefly, the perceptions that one has about work, which can be seen from the perspective that understands it as an instrument that fosters the alienation of the human being and, on the other hand, as A means that promotes the realization and humanization of it. The methodology used in the preparation of this study was the theoretical essay, through the qualitative research method, that is, it consisted of a logical and reflective exposition of the topic addressed, seeking the development of concepts, ideas and perceptions of the author from the content of the materials used. As a result, it is hoped that the present study will contribute to the construction of a more holistic and critical perspective of the reader on contemporary work, encouraging reflection on the theme.

Keywords: Work. Alienation. Humanization.

Introdução

As percepções a respeito do trabalho na atual sociedade apresentam-se bastante variadas. Para alguns, o trabalho pode ser visto como uma atividade que se faz contra a vontade, incorporando, nesse caso, uma perspectiva negativa, de algo que é feito apenas pela necessidade de sobrevivência ou pela pressão social. Para outros, ao contrário, “o trabalho é considerado algo que enobrece e dignifica os seres humanos, essencial à vida. Além disso, há outros que encaram o trabalho com prazer e, até, como um lazer” (TOMELIN; SIEGEL, 2013, p. 119).

Para Cotrim (2001, p. 23), “podemos definir trabalho como toda atividade na qual o ser humano utiliza sua energia física e psíquica para satisfazer suas necessidades ou para atingir um determinado fim”.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - no 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Ao analisar a etimologia do termo, constata-se que a palavra trabalho remete a um sentido negativo. De acordo com Tomelin e Siegel (2013, p. 119), “etimologicamente, a palavra trabalho vem do latim “*tripalium*”, instrumento de três paus utilizado para prender os animais e que também servia para imobilizar os escravos e açoitá-los”.

Vale ressaltar que, mesmo que esse paradigma a respeito do trabalho ainda é bastante presente na atual sociedade, é notável que muitas pessoas não trabalham orientadas unicamente pela necessidade, mas, além, são impulsionadas por fatores como: autorrealização, *status*, prazer, desenvolvimento pessoal ou para manter relações sociais.

Considerando as distintas percepções a respeito do tema, o presente estudo pretende abordar, ainda que de forma breve, o trabalho como instrumento de alienação ou como meio de humanização do ser humano.

Breve histórico do trabalho humano

No decorrer da história das diferentes sociedades diversas foram as percepções a respeito do trabalho. Cotrim (2001, p. 25) afirma que:

De acordo com antropólogos, a primeira divisão de trabalho teria se dado entre os sexos. Determinadas tarefas, como caçar, guerrear, garantir a proteção do grupo, eram reservadas aos homens, enquanto os trabalhos domésticos, os cuidados com os filhos etc., eram reservados às mulheres.

A organização da comunidade primitiva foi, historicamente, a primeira forma que a sociedade adotou logo após o homem segregar-se do mundo propriamente animal, quando, num longo processo evolutivo, adquiriu habilidades que o diferenciam dos demais seres vivos. Neste período, o homem contava com instrumentos básicos e rudimentares, a exemplo do machado de pedra e da faca e da lança com ponta de pederneira, além de sua própria força física.

Posteriormente, o homem dominou a arte de fundir metais, melhorando a qualidade das ferramentas agrícolas, e inventou o arado rústico que, puxado por animais domesticados, como o cavalo e o boi, aumentou consideravelmente o rendimento das plantações. Este desenvolvimento das forças produtivas provocou importantes mudanças sociais. A atividade pastoril separou-se da agricultura e iniciou-se uma modesta indústria artesanal.

A necessidade e o desejo dos homens de facilitar o seu trabalho e de dispor de reservas com o objetivo de enfrentar as dificuldades naturais incentivaram o aperfeiçoamento dos seus instrumentos e a criação de rotinas de trabalho. No entanto, com a mudança do sistema primitivo, o homem, sem pensar nas consequências que ocasionaria no âmbito social, preparou condições para o que viria a ser a escravidão.

Dessa forma, no decorrer de boa parte da história, o trabalho foi visto como atividade desvalorizada, considerado pelos gregos antigos como a expressão da miséria humana. Durante a Antiguidade, o trabalho manual era considerado em diversas sociedades como uma atividade inferior, que em pouco se diferenciava da atividade animal, valorizando-se, ao invés disso, o trabalho intelectual. O pensamento do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) retrata esse período:

A utilidade do escravo é semelhante à do animal. Ambos prestam serviços corporais para atender às necessidades da vida. A natureza faz o corpo do escravo e do homem livre de forma diferente. O escravo tem corpo forte, adaptado naturalmente ao trabalho servil. Já o homem livre tem corpo ereto, inadequado ao trabalho braçal, porém apto para a vida do cidadão (COTRIM, 2001, p. 25).

Durante a Idade Média vigorou-se a concepção católica de trabalho, este sendo interpretado como castigo, sofrimento e penitência do homem. Nesse caso, apenas aos servos era destinado esse infortúnio, já que os nobres não deveriam trabalhar. Não obstante, essa concepção católica sobre o trabalho sofreu contestação significativa a partir da ascensão social da burguesia, na Europa ocidental, a partir do século XVI.

A revalorização do trabalho se deu, principalmente, com a difusão das ideias renascentistas e iluministas, com o surgimento do protestantismo, em que o lucro passou a ser visto como um sinal da benção de Deus. No Renascimento, o trabalho passou a ser considerado como um estímulo para o desenvolvimento dos seres humanos, bem como a expressão da sua personalidade, visto a percepção do sujeito como um criador da sua atividade. E no Iluminismo, o trabalho foi exaltado ao lado da técnica, quando o capitalismo se consolidou em detrimento do feudalismo, e surgiram as primeiras fábricas.

A partir disso, o capitalismo se desenvolveu agressivamente e culminou na Revolução Industrial, que significou um prodigioso aumento da produção material e do rendimento do trabalho. Entretanto, este auge da riqueza social não significou, necessariamente, melhorias materiais para os trabalhadores. Ao contrário, a nova realidade mostrou uma acumulação de riquezas em um extremo e muita miséria no outro. No regime capitalista surgiram duas novas e importantes classes, de acordo com a concepção marxista: os capitalistas e os proletariados. Os primeiros sendo os detentores dos meios de produção, e os segundos os que vendem sua força de trabalho. Estas duas classes são econômica e socialmente antagônicas e, desde o início, se enfrentam em lutas periódicas, nas quais a classe proletária sai em desvantagem, uma vez que a classe capitalista, com seu poder econômico, tem se apoderado do poder político.

Segundo Tomelin e Siegel (2013), nos últimos anos o que se percebeu foi um domínio da tecnologia e da automação dos meios de produção sobre os setores agrícolas e industriais. Atualmente, verifica-se o desenvolvimento dos setores de serviços, que visa ao cotidiano do homem moderno, baseado no consumo e na informação.

A alienação no âmbito do trabalho

A palavra alienação é oriunda do latim *alienare*, que significa “tornar algo alheio a alguém”, isto é, “tornar algo pertencente a outro”. Esse termo é compreendido de formas distintas, dependendo da perspectiva proporcionada por cada campo de estudo. Por exemplo, no Direito, alienação está associada à transferência da propriedade de um bem a outra pessoa; na Psicologia, alienação é o estado patológico do indivíduo que se tornou alheio a si próprio, sentindo-se como um estranho, sem contato com si mesmo ou com o meio social em que vive; e na Filosofia contemporânea, o termo deve muito de seu uso corrente ao alemão Karl Marx, para quem alienação é o processo pelo qual os atos de uma pessoa são governados por outros e se transformam em uma força estranha a quem a produziu (COTRIM, 2001).

Dessa forma, baseado nessa última conceituação do termo, pode-se compreender alienação, no que tange o trabalho, como a perda que o indivíduo sofre de suas potencialidades quando não possui o controle sobre as condições nas quais trabalha, bem como sobre o produto de seu trabalho.

A alienação afeta milhões de trabalhadores nas sociedades capitalistas modernas. A produção econômica transformou-se no objetivo do homem, em vez de o homem ser o objetivo da produção (FONTE DO SABER, 2012).

Em muitas sociedades atuais, ainda podem ser observadas situações em que as funções do operário são reduzidas ao mero cumprimento de ordens relativas à quantidade e à qualidade

da produção, sem que o indivíduo possua qualquer comando sobre o resultado final do seu trabalho, limitando-se a repetições das mesmas operações mecânicas, produzindo bens estranhos a si próprio, aos seus desejos e às suas necessidades.

Nesse sentido, o trabalho faz com o que o ser humano aliene-se do próprio gênero humano, fazendo com que perca contato com seu eu genuíno, com sua individualidade, caracterizando, desse modo, uma situação de extremo desconforto, desprazer e angústia.

A humanização no âmbito do trabalho

Considerar o trabalho apenas pela ótica em que se evidencia como um instrumento de alienação do ser humano é uma forma de percepção deveras limitada e injusta. Mesmo que essa situação seja concreta, sendo perceptível em todo o decorrer da história do trabalho até os dias atuais, impedindo o ser humano de atuar ativamente no processo produtivo, o trabalho pode ser visto de modo completamente distinto dessa concepção, ou seja, como um meio para alcançar a realização humana, proporcionando um sentimento mais humano para as atividades desempenhadas pelo indivíduo.

Ao considerar essa possibilidade, Tomelin e Siegel (2013, p. 126) elucidam que:

O ser humano vive sempre em busca de sua realização. A realização humana é sempre um projeto em construção, nunca está concluído. É a busca incessante desta realização que leva o homem a transformar a natureza em busca de sua satisfação. Se pelo trabalho há uma transformação da natureza em bens para a sua satisfação, parece evidente sua relação com a realização humana.

Infere-se que a utilização intensa e eficaz das tecnologias é um meio de proporcionar a libertação do ser humano das atividades mais rústicas, as quais o afastam da essência privilegiada humana, de forma que se concentre em atividades mais dignas e condizentes com a sua condição de ser racional e pensante. A afirmação de Schaff (1993, p. 153 apud TOMELIN; SIEGEL, 2013, p. 113) ilustra bastante essa perspectiva, que, segundo ele, a tecnologia nos “conduzirá a uma sociedade em que haverá um bem-estar sem precedentes para o conjunto da população, como também alcançará um nível sem precedentes do conhecimento humano do mundo”.

Essa concepção possui também, como é de se esperar, opiniões contrárias, no sentido em que afirmam alguns pensadores que o progresso tecnológico tem proporcionado conforto para a humanidade. No entanto, o homem tem se abnegado de alguns de seus valores como indivíduo integrante da sociedade. Exemplo de pensadores orientados por esta visão são Vergana e Branco (2001, p. 23), que afirmam que “convivemos com um elevado desenvolvimento tecnológico e um baixo desenvolvimento pessoal e interpessoal”.

Não obstante, independentemente se a tecnologia contribui, ou não, para o processo de humanização no trabalho, o certo é que a realização humana neste âmbito se dá no momento em que o trabalhador se percebe como agente criador no processo produtivo e reconhece o produto final como fruto de sua liberdade e criatividade, enxergando o reflexo do seu eu naquilo que produziu.

Considerações finais

A atual época é caracterizada por profundos e constantes questionamentos sobre o próprio homem. E, nesse sentido, o trabalho - e sua influência direta nas ações e percepções do ser humano, como indivíduo e em sociedade - é tema intrigante e instigante para diversos

pensadores. Questiona-se se o trabalho é um instrumento de alienação do ser humano, que promove a infelicidade e a injustiça na sociedade, ou se é um meio para a humanização, proporcionando a liberdade, a criatividade e o desenvolvimento do homem pensante.

É conclusivo que, desde o seu surgimento, e de forma mais intensificada hoje, vive-se um paralelo, em que ambas as perspectivas devem ser consideradas. É notável ainda, em diversas organizações, sistemas que minam a capacidade dos indivíduos, fazendo com que executem atividades mecânicas e repetitivas, sem ao menos que este tenha um conhecimento holístico do que está produzindo. Ao mesmo tempo, é notável, também, que existem organizações e situações que proporcionam condições para que o indivíduo se perceba como um sujeito criador, identificando-se com o resultado final do processo produtivo e alcançando, dessa forma, um sentimento de realização e humanização.

Referências

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos de Filosofia: história e grandes temas**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FONTE do saber. **Trabalho alienado**. 2012. Disponível em: <<http://www.fontedosaber.com/filosofia/trabalho-alienado.html>>. Acesso em: 1º maio 2016.

TOMELIN, Janes Fidélis; SIEGEL, Norberto. **Filosofia geral e da educação**. 2. ed. Indaial: Uniasselvi, 2013.

VERGARA, S. C.; BRANCO, P. D. Empresa humanizada: a organização necessária e possível. **Revista de administração de empresas**. São Paulo: FGV, v. 41, n. 2, p. 20-30, abr./jun., 2001.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.